



## **A VIDA NA LÓGICA DO TRABALHO IMATERIAL: ANÁLISE DO ACOLHIMENTO TEMPORÁRIO DE ANIMAIS**

### **LOGIC OF IMMATERIAL LABOR: ANALYSIS OF TEMPORARY HOUSING FOR ANIMALS**

### **LA VIDA EN LA LÓGICA DEL TRABAJO INMATERIAL: ANÁLISIS DEL ACOGIMIENTO TEMPORAL DE ANIMALES**

**Carmem Ligia Iochins Grisci, Dra.**

Universidade Federal do Rio Grande do Sul/Brazil  
[carmem.grisci@ufrgs.br](mailto:carmem.grisci@ufrgs.br)

**Patrícia Augusta Pospichil Chaves Locatelli, MSc**

Universidade Federal do Rio Grande do Sul/Brazil  
[patriciaposp@gmail.com](mailto:patriciaposp@gmail.com)

**Anelise D'Arísbo, MSc**

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia/Brazil  
[anelise.darisbo@farroupilha.ifrs.edu.br](mailto:anelise.darisbo@farroupilha.ifrs.edu.br)

#### **RESUMO**

O presente estudo objetivou explorar a estratégia de viver a vida na lógica do trabalho imaterial, focando a prática de acolhimento temporário de animais. Para tanto, foi realizada uma pesquisa exploratória, por meio de um estudo de caso. Entrevistas em profundidade foram realizadas com acolhedores, e o material da transcrição foi submetido à análise de conteúdo. Os resultados da pesquisa permitiram visualizar o alcance da lógica do trabalho imaterial e da gestão gerencialista em instâncias da vida, não necessariamente ligadas à atividade lucrativa. Os resultados evidenciam que o uso do tempo livre e dos recursos pessoais disponíveis, e a mobilização e gestão de si em prol do acolhimento praticado como uma missão, compõem uma estratégia de viver a vida individualista nos moldes da sociedade líquido-moderna. Com isso, não é estabelecida uma estratégia de embate, mas de reprodução acrítica da lógica vigente nos atuais modos de trabalhar.

**Palavras-chaves:** Vida líquido-moderna; estratégia de viver a vida; Animais.

#### **ABSTRACT**

This study aimed to explore the strategy of living life through the immaterial labor logic, focusing on the practice of animals' temporary housing. In this regard, an exploratory research was conducted through a case study. Deep interviews were carried out with animal caretakers, and the transcription material was submitted to content analysis. The survey results allowed the view of the logic of immaterial work scope and managerial management in instances of life, not necessarily regarding lucrative activity. The results show the use of free time and available personal resources, and the self mobilization and management in favor of the reception practiced as a mission, which form a strategy to live individualistic life along the lines of liquid-modern society. With this, a strategy of clash is not established, but an uncritical reproduction of the prevailing logic in the current ways of working.

**Keywords:** Liquid modern life; Strategy to live life; Animals.

#### **RESUMEN**

Este estudio tuvo como objetivo explorar la estrategia de vivir la vida ordinaria en la lógica del trabajo inmaterial, centrándose en la práctica de acogimiento temporal de animales. Por lo tanto, un estudio exploratorio se llevó a cabo a través de un estudio de caso. Las entrevistas en profundidad se realizaron con acogedores, y el material de transcripción se sometió a análisis de contenido. Los resultados de la investigación permitieron visualizar el alcance de la lógica del trabajo inmaterial (Gorz, 2005) y de la ideología gestonaria (Gaulejac,



2007) en las instancias de la vida, no necesariamente vinculadas a la actividad lucrativa. El uso del tiempo libre y recursos personales disponibles, y la movilización y gestión de sí mismo en favor de la acogida practicada como una misión, componen una estrategia para vivir la vida individualista en las líneas de la sociedad líquida moderna (Bauman, 2001). Esta no coincide con una estrategia de enfrentamiento, pero de la reproducción acrítica de la lógica que prevalece en las formas actuales de trabajo.

**Palabras clave:** Trabajo inmaterial; Vida líquida moderna; Estrategia de vivir la vida; Animales.

## 1 INTRODUÇÃO

As modificações advindas da gestão gerencialista compreendida como aquela que, entre outros, busca tudo tornar rentável (GAULEJAC, 2007), antes reservadas ao âmbito profissional, se expandem para áreas do convívio familiar. Assim também ocorre na relação com os animais de estimação, que por motivos como ausência de tempo para dedicação frente a muitas responsabilidades, incompatibilidade com o estilo de vida assumido, e laços frouxos, dentre outros, pode resultar em um problema social: o abandono de animais.

Considera-se que o abandono de animais pode ser melhor compreendido à luz da metáfora da liquidez, que é apresentada por Bauman (2001) para caracterizar a vida enfatizada pela transitoriedade. Uma vida em que a velocidade adquire importância notória. Para o autor, cabe adiantar, na sociedade líquida-moderna – na qual a vida líquida é vivida – a ausência de vínculos é considerada um recurso de poder na busca pela libertação de tudo aquilo que impede a fluidez dos movimentos pretendidos. Instantaneidade é a palavra de ordem, e satisfação imediata é o imperativo que torna passível de ser substituível e descartável o que não corresponde a esse ideal, sejam objetos de consumo ou relacionamentos (BAUMAN, 2001).

Argumenta-se que, ao transformar a modalidade do convívio humano direcionando-o para o afrouxamento dos laços, a lógica da vida líquida vem a coincidir com as demandas relativas ao trabalho inmaterial compreendido como aquele que requer e alcança a vida em todas as suas instâncias a fim de incrementar a produção e a rentabilidade das organizações (GORZ, 2005; LAZZARATTO; NEGRI, 2001).

A fim de sustentar o trabalho inmaterial pelo enfraquecimento de barreiras temporais e espaciais que outrora impediram o trabalho de alcançar a vida em sua totalidade, o indivíduo se vê impelido a elaborar uma estratégia de viver a vida condizente com a adesão incondicional ao projeto organizacional por meio da gestão gerencialista compreendida como aquela que, cabe ressaltar, tudo busca otimizar e quantificar (GAULEJAC, 2007). Estudos como os de Grisci e Cardoso (2014), Oltramari e Grisci (2012), e Weber e Grisci (2011) apontaram, em comum, estilo de vida compatível com os modos de trabalhar na sociedade líquida-moderna que demandam disponibilidade total do indivíduo para o trabalho.

A modificação das relações entre animais de estimação em geral com os seres humanos pode ser identificada em estudos acerca da guarda responsável de animais (LANGONI et. al., 2011); programa educativo de posse responsável de cães e gatos para crianças visando modificar comportamentos irresponsáveis com animais (SOTO et. al., 2010); e em estudo em cidades brasileiras acerca da dinâmica populacional em termos de animais recolhidos, que identificou crescente abandono e reprodução de animais, resultando crescimento populacional não resolvível com a adoção (SOTO, 2003).

Nas buscas realizadas, não foram encontrados estudos que relacionassem a prática de acolhimento temporário de animais aos atuais modos de trabalhar e sua gestão, entretanto acolhedores temporários de animais

são atingidos, de um modo ou outro, pela lógica do trabalho imaterial e sua gestão que toma o tempo da vida como formativo e rentável para o projeto organizacional.

De modo diverso do que ocorria quando a relação entre o indivíduo e o animal era permeada majoritariamente por sentimento de apego e tempo de convivência indeterminado, a prática de acolhimento temporário de animais vem apresentando uma nova modalidade de intervenção à causa de proteção animal. O acolhimento temporário de animais por protetores independentes – indivíduos sem vínculo com ONG's (Organizações Não-Governamentais), associações ou abrigos de animais – tem se feito notar, em especial, via postagens correlatas nas redes de relacionamento.

Ao voltar-se à vida cotidiana, o presente estudo tomou o abandono de animais como uma prática reflexiva das características da sociedade líquido-moderna que prima pelo descarte, e a prática de acolhimento temporário de animais como elemento de análise. Desse modo, em termos gerais, objetivou problematizar a estratégia de viver a vida cotidiana na lógica do trabalho imaterial e sua gestão, focando na prática de acolhimento temporário de animais. E, em termos específicos, objetivou (i) identificar que relação o acolhimento temporário de animais guarda com as demandas provenientes da lógica do trabalho imaterial e sua gestão; (ii) investigar que estratégia de viver a vida tal prática viabiliza.

Além desta introdução, o presente artigo contempla a revisão da literatura e, posteriormente, os procedimentos metodológicos, a apresentação e análise dos resultados e, ao término, as considerações finais do estudo.

## **2 VIDA LÍQUIDA NA SOCIEDADE LÍQUIDO-MODERNA**

A sociedade líquido-moderna tem como foco a rapidez do movimento. Nela, os alvos perseguidos devem constantemente escapar à captura, colocando-se na perspectiva de uma impossibilidade de satisfação (BAUMAN, 2011). Em outras palavras:

Líquido-moderna” é uma sociedade em que as condições sob as quais agem seus membros mudam num tempo mais curto do que aquele necessário para a consolidação, em hábitos e rotinas, das formas de agir. A liquidez da vida e a da sociedade se alimentam e se revigoram mutuamente. A vida líquida, assim como a sociedade líquido-moderna, não pode manter a forma ou permanecer em seu curso por muito tempo (BAUMAN, 2007b, p. 7).

A metáfora da liquidez (BAUMAN, 2001) caracteriza o tempo presente, expressando a atual incapacidade de manutenção de uma mesma forma durante muito tempo. De igual modo, não é mais esperado das organizações sociais que mantenham sua forma por muito tempo, podendo elas decompor-se e desfazerem-se em menos tempo do que levariam para serem moldadas e estabelecidas (BAUMAN, 2007a). Elas se caracterizam, portanto, pelo dinamismo da mudança social (GIDDENS, 2002). A vida líquida na sociedade líquido-moderna se mostra como uma incessante busca, uma perpétua mutação (BAUMAN, 2011). Todavia, trata-se de uma busca jamais alcançada, pois os alvos, de forma cada vez mais acelerada, se modificam. O que importa é ter sempre algo em vista, em preparação (BOLTANSKY e CHIAPELLO, 2009).

Os finais rápidos e indolores propiciam os reinícios e as buscas contínuas. Frente a isso, flexibilidade e prontidão para mudar de tática e de estilo de forma repentina, abandonando compromissos e lealdades sem

arrependimentos, em busca de oportunidades de acordo com a disponibilidade atual e não mais com as preferências pessoais, mostram-se como requisitos básicos aos indivíduos (BAUMAN, 2007a).

O lema está na possibilidade de apagar o passado e manter o presente até segunda ordem. O ‘deixar para trás’, passa a reger a vida caracterizada pelo descarte. Neste contexto – no qual o descarte representa uma forma de enfrentamento à insatisfação – modos de viver considerados ultrapassados, ou seja, aquilo que não se encaixa mais na nova forma de vida, são descartados. Essa lógica, que alcança as coisas e os seres, se apresenta evidente na vida líquida facilitando o afrouxamento dos laços e a revogação dos compromissos (BAUMAN, 2011).

Encarada como um jogo, a vida se torna fragmentada, dividida em uma sucessão de partidas. Cada qual com seu início e seu fim (BAUMAN, 2011). As vidas individuais se desmembram em uma série de sucessivos e infinitos projetos e episódios de curto prazo (BOLTANSKY; CHIAPELLO, 2009; BAUMAN, 2007a; PELBART, 2000). Para que não restem consequências duradouras, torna-se necessário ter consciência da finitude do jogo. O tempo para parar e traçar projetos elaborados é nulo e as regras do jogo se alteram antes mesmo que ele termine (BAUMAN, 2011).

A insegurança do presente e a incerteza do futuro, a incapacidade de reduzir o ritmo da mudança, prever ou controlar sua direção, levam o indivíduo a se concentrar em ações que combatam o “ser deixado para trás” (BAUMAN, 2007a, p. 17), mesmo que de maneira ilusória. Toda a pressão recai sobre o indivíduo e precisa ser repelida ou neutralizada mediante ação individual (BAUMAN, 2011).

A sociedade líquido-moderna, na qual se fazem presentes características como fragmentação, aceleração, instantaneidade, obsolescência, descartabilidade, superficialidade e busca pela satisfação imediata, é cenário do chamado trabalho imaterial que prima pelo desempenho aqui e agora.

### **3 TRABALHO IMATERIAL E ESTRATÉGIA DE VIVER A VIDA**

Fato presente na sociedade líquido-moderna é o de que o sujeito se torna agente de sua produção; ele é o responsável por sua formação (BOLTANSKY; CHIAPELLO, 2009; GORZ, 2005) e pela “vendabilidade” de si como mão de obra, não raras vezes utilizando recursos próprios para incrementar seu valor mercadológico (BAUMAN, 2008). A isso se associam atividades relativas a trabalhos voluntários que, divulgadas nas redes sociais, uma vez acessadas poderão vir a ser, inclusive, positivamente consideradas nas atuais práticas relativas a recrutamento e seleção de pessoal.

Com a demanda de engajamento à lógica capitalista e no sentido de capturar a subjetividade como produtiva, os conhecimentos produzidos, e as ações tomadas, passam a serem vistos com valor de mercado (GORZ, 2005). No entanto, não há salvo-conduto. A inquietação se prolifera dada a percepção de que mesmo com o engajamento e a produção de si, garantias não são oferecidas aos trabalhadores.

O trabalho imaterial requer total disponibilidade do sujeito para sua realização (GORZ, 2003; GRISCI, 2006; LAZZARATO; NEGRI, 2001), sendo compreendido como um “conjunto de atividades corporais, intelectuais, criativas, afetivas e comunicativas inerentes ao trabalhador, atualmente valorizadas e demandadas como uma imposição normatizadora de que o trabalhador se torne sujeito ativo do trabalho como condição indispensável à produção” (GRISCI, 2006, p. 327). As demandas que caracterizam o trabalho imaterial tomam pensamento, potência, sensibilidade, sociabilidade e afetividade dos sujeitos numa dimensão que implica a vida (WEBER; GRISCI, 2011).

O trabalho imaterial requer e interfere nas várias instâncias da vida, impulsionando ou impedindo ações cotidianas dos sujeitos do trabalho que dizem de seus modos de viver e, portanto, de organizar a vida. Nesse sentido, a vida estaria instrumentalizando-se a serviço das atuais formas de gestão condizentes com o trabalho imaterial, em especial a gestão gerencialista que visa à adesão ao projeto organizacional e sua rentabilização pela via do engajamento e da mobilização de si (GAULEJAC, 2007; GRISCI; CARDOSO, 2014). O trabalhador ideal seria aquele que pode ser representado pelo camaleão: adaptável, flexível, disponível e polivalente (BOLTANSKY; CHIAPELLO, 2009) – sem vínculos, compromissos ou ligações emocionais, sempre disposto a assumir novos desafios e a moldar-se conforme a demanda (BAUMAN, 2008). Se a vida se tornou produtiva, interessa à gestão que ela esteja totalmente disponível ao trabalho. Para fazer frente a essa realidade, cabe ao sujeito uma estratégia de viver a vida.

Vista como um jogo, a vida líquida apresenta regras que se transformam durante o desenvolvimento da partida. Por esta razão, Bauman (2011) entende que a estratégia de vida mais sensata seja aquela que mantém cada jogo curto. Isso significa esquivar-se de compromissos de longa duração, recusar toda e qualquer fixação e orientar-se pelo princípio de “manter as opções em aberto” (BAUMAN, 2011). Eliminar tudo que possa enterrar a mobilidade, a disponibilidade e o engajamento (BOLTANSKY; CHIAPELLO, 2009). Essa visão corrobora com a vida em projetos, tomada pela gestão gerencialista que exige produtividade máxima no menor tempo possível (GAULEJAC, 2007). À luz da literatura apresentada buscar-se-á fazer a leitura relativa ao trabalho empírico a ser apresentado adiante.

#### 4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

De acordo com o objetivo proposto, este estudo foi conduzido sob a abordagem qualitativa (DENZIN e LINCOLN, 2006; FLICK, 2009) e caracteriza-se como uma pesquisa exploratória (GIL, 2008). O método empregado foi o estudo de caso e como unidade de análise (GODOY 2006, 1995) considerou-se a prática de acolhimento temporário de animais.

A coleta de dados se deu na região metropolitana de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, entre os meses de maio e agosto de 2015. A escolha dos sujeitos de pesquisa se deu por indivíduos que acolhem temporariamente animais, uma prática que se evidenciou na última década, e tomou-se associada às transformações do trabalho ocorridas nos últimos tempos. Não terem vínculo com ONG's, associações ou abrigos de animais, foi um critério de escolha. O contato inicial com o campo deu-se por meio de uma entrevista com uma das fundadoras de uma reconhecida ONG, com projeto voltado à causa animal. Este contato foi imprescindível para o reconhecimento do campo, uma vez que a entrevistada possui visão ampliada a respeito do público do presente estudo e favoreceu a aproximação de alguns acolhedores temporários, posteriormente contatados.

Além dessa entrevista utilizada como dado secundário, foram contatados 35 acolhedores temporários de animais da maneira descrita a seguir. Treze foram contatados por mensagem eletrônica, por meio da ferramenta “*MailChimp*” que permite verificar o percentual de abertura das mensagens. Todas essas mensagens foram abertas, no entanto, somente três contatados deram retorno e uma se disponibilizou a participar da pesquisa. Vinte e dois foram contatados por meio da rede social *Facebook*. Neste caso, seus perfis foram adicionados ao perfil de um dos pesquisadores e foram enviadas mensagens privadas convidando-os a participar da pesquisa. Dentre eles, treze responderam, sendo nove os que se disponibilizaram a participar da pesquisa.

Todos os sujeitos foram convidados a participar livremente, sendo esclarecidos quanto aos objetivos da pesquisa e à garantia de sigilo em relação a suas identidades. Do total de 35 contatados, 23 alegaram falta de tempo para participar e dois solicitaram que a entrevista fosse realizada por e-mail, o que inviabilizou suas participações. Ao final, dos 10 que concordaram em participar da pesquisa, somente oito atendiam ao perfil previamente delineado – acolhedores temporários de animais inseridos na lógica do trabalho imaterial com vínculo de trabalho no período de realização da coleta, e sem vínculo com instituições ligadas à causa animal. Para a coleta de dados, optou-se por realizar entrevista em profundidade (MINAYO, 2011). Gravadas com o consentimento dos participantes, as entrevistas foram transcritas posteriormente. Utilizaram-se roteiros básicos de entrevista distintos para a fundadora da ONG e para os demais participantes. O roteiro destinado à fundadora da ONG contemplou vida pessoal; envolvimento com animais; fundação e formas de atuação da ONG. O roteiro destinado aos acolhedores versou sobre o cotidiano do trabalho e suas exigências; vida pessoal e familiar; e a prática de acolhimento temporário de animais propriamente dita. As entrevistas foram realizadas conforme disponibilidade dos entrevistados. Em média cada entrevista teve duração de 45 minutos.

Os dados foram analisados com base no conteúdo. Após a escuta das entrevistas e leitura das transcrições (GOMES, 2011; MINAYO, 1996), as entrevistas foram compiladas em um único documento a fim de se elaborar categorias (BARDIN, 2010; GOMES, 2011; MINAYO, 1996). Com o conteúdo assim organizado, à medida em que foram estabelecendo-se aproximações e distanciamentos, inclusões e exclusões em busca de sentido para as categorias prévias do estudo (trabalho imaterial, gestão gerencialista, sociedade líquido-moderna), vislumbraram-se macro categorias (acolhimento temporário de animais e estratégia de viver a vida) e micro categorias (uso e rentabilização do tempo de não-trabalho e dos recursos disponíveis; a mobilização e gestão de si em prol do acolhimento; o acolhimento praticado como missão) que compõem a sessões apresentadas a seguir.

#### 4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Apresenta-se, inicialmente, um breve cenário a respeito da causa de proteção animal e da atuação de protetores de animais e oferece-se as pistas indicativas da prática de acolhimento temporário. Esses dados iniciais apresentados foram extraídos de entrevista com uma das fundadoras de uma ONG.

O comportamento social em relação ao convívio com os animais passou por alterações significativas na última década. Se, anteriormente, o vínculo entre seres humanos e animais era baseado no critério de utilidade, hoje, ele se justifica principalmente pela afetividade, pensa a entrevistada. Os diferentes modos de viver, adotados nos últimos anos, favorecem a crescente relação com os animais, a exemplo da necessidade de mobilidade dos indivíduos; reestruturação dos arranjos familiares, principalmente no que se referem a tamanho (cada vez com menos filhos ou que optam por não ter filhos), divórcios ou pessoas que nunca se casam; entre outros.

A posse de um animal de estimação requer responsabilidade diferente e é considerada menos exigente, se comparada às responsabilidades exigidas pelo vínculo entre seres humanos, sejam filhos ou companheiros. De acordo com a fundadora da ONG: “Eles [os animais] são ótimas companhias, demandam uma dedicação menor, ao mesmo tempo em que contribuem e completam aquela lacuna da afetividade”.

Por outro lado, o descarte de animais seria o resultado do despreparo das pessoas que ao adquirirem um animal, por meio de compra ou adoção, não teriam noção a respeito do que é um animal, suas características e necessidades. “As pessoas têm animal e não sabem o que têm em casa” (Fundadora ONG). São inúmeros os casos de animais de estimação descartados por não corresponderem às expectativas de seus donos ou por demandarem mais cuidado do que o esperado. Além disso, é possível citar casos de animais com raça definida, descartados por seus criadores por não serem mais considerados “boas matrizes”, e casos de animais adotados que são devolvidos aos doadores ou abandonados por motivos banais.

Em todos estes casos, o animal é visto como objeto, como algo que pode ser usado e descartado. Na opinião da entrevistada, as pessoas têm pouca tolerância com os animais porque os coisificam. “O animal é uma coisinha que falta lá em casa, é uma coisinha que falta para ostentar. Já tem cachorro da grife tal”, ou “essa coisa está me incomodando! Mas o animal não é uma coisa” (Fundadora ONG). Essas ações de descarte contribuem negativamente para o aumento da superpopulação de animais nas ruas, e vem a corroborar o estudo apresentado por Soto (2003). De acordo com a fundadora da ONG, mesmo que houvesse uma “boa” receptividade para adoção, como ocorre com filhotes, ainda assim faltariam pessoas para adotar, pois os animais se multiplicam de modo muito rápido.

Neste contexto, os protetores de animais – indivíduos que se envolvem em distintas atividades de apoio à causa animal, como resgates, acolhimento, divulgação – têm sido, de modo geral, taxados como “loucos”. Não se ignora a realidade de que alguns indivíduos se envolvam na causa animal movidos pela necessidade exacerbada de afetividade ou de acumulação, e afirmam predileção pelos animais em relação às pessoas. A fundadora relata casos de pessoas que, por intermédio da ONG, têm recebido atendimento psicológico para tratar de problemas dessa ordem. Todavia, esta não constitui a realidade da maioria dos acolhedores que, segundo a entrevistada, são mulheres, possuem família, filhos e apresentam “sensibilidade além do “especismo”” (Fundadora ONG).

A forma de atuação dos protetores varia de acordo com a realidade de cada um, podendo-se encontrar situações diversas como resgate e acolhimento em residência própria; resgate e encaminhamento para *pet shops* ou abrigo para animais; resgate, esterilização e devolução às ruas; garantia de alimentação sem a retirada do animal da rua, entre outras. Para a fundadora da ONG, os acolhedores são movidos pela indignação contra os maus-tratos de animais e, independentemente da forma como atuam, tem sido cada vez mais comum entre os protetores que doam os animais resgatados, a implantação de critérios próprios para a seleção de adotantes e a exigência de que estes se responsabilizem pela esterilização do animal e assinem um contrato de adoção.

O acompanhamento durante determinado período de adaptação, por meio de telefonemas e visitas a domicílio, também é praticado pelos protetores e previsto no termo de adoção. Estas ações visam garantir o bem-estar animal, diminuir as devoluções e evitar a exploração comercial, principalmente em casos de animais com raça definida. “Tem muita vigarice”, afirma a entrevistada.

A internet e as redes sociais vêm sendo considerados importantes ferramentas de auxílio à causa animal, a exemplo do sítio dessa ONG, veículo utilizado tanto por acolhedores temporários quanto vinculados a outras ONG's para anunciar animais disponíveis para adoção. Por meio de parcerias e rede solidária é possível obter esterilização do animal a baixo custo, alimentação, anúncio para doação. Porém, segundo a fundadora da ONG, o mais difícil é abrigar os animais. Isso porque “não se pode mais aceitar a existência de campos de concentração

para animais, como nos primórdios da proteção” (Fundadora ONG). A alternativa residiria na prática de acolhimento temporário, pois “qualquer casa poderia ser uma casa de passagem para um ou dois”, diz ela.

De acordo com a entrevistada, é crescente o número de indivíduos que têm atuado em âmbito doméstico, abrigando animais. Nestes lares temporários “a coisa é mais regrada”, por tratar-se de pessoas, em sua opinião, “diferenciadas”. A prática de acolhimento temporário de animais é considerada, por ela, como uma “linha de montagem”. “Se a fila anda, tu podes botar outro. Não pode entrar outro enquanto ninguém saiu. Talvez a adoção nunca chegue. Esse é o compromisso!” (Fundadora ONG).

A dificuldade do trabalho residiria na falta de recursos e na suposta incompreensão, ou seja, no não entendimento das pessoas sobre o que é a causa animal, o bem-estar animal e até que ponto cada segmento pode ir. Ainda segundo a entrevistada, falta espaço na mídia para dar aprofundamento ao assunto. O processo de bem-estar animal é algo lento, que não funciona no “quebra-quebra”, na força. “É um trabalho de formiguinha”, diz a fundadora da ONG.

A seguir, trata-se da prática de acolhimento temporário de animais apresentando-se, de imediato, a caracterização dos acolhedores temporários de animais – sete mulheres e um homem –, para os quais adotou-se nomes fictícios:

Tabela 1 – Caracterização dos acolhedores temporários de animais

<b>Sujeito</b>	<b>Idade</b>	<b>Trabalho atual</b>	<b>Tempo de atuação como acolhedor</b>	<b>Número de animais em acolhimento à época da coleta</b>
Ana	47	Servidora pública	7 anos	8
Fábio	53	Ceramista	8 anos	53
Felícia	39	Analista de qualidade	2 anos	30
Laís	28	Educadora física	10 anos	6
Lurdes	47	Técnica em enfermagem	10 anos	12
Maria	53	Professora	11 anos	5
Sandra	30	Estagiária em veterinária	5 anos	3
Vânia	30	Tabeliã	10 anos	0

Fonte: Elaborado a partir de dados da pesquisa

A compilação e organização do conteúdo se deu em macro e microcategorias, o que possibilitou visualizar diversos indicadores da lógica do trabalho imaterial e sua gestão gerencialista na estratégia de viver a vida dos indivíduos que acolhem temporariamente animais.

Dentre os elementos que compõem a estratégia de viver a vida dos acolhedores, destaca-se a mobilização e gestão de si. Um envolvimento “até por dentro dos olhos”, como afirma Maria (53 anos). Considerada como uma ‘missão de vida’, esta prática exige dos indivíduos dedicação muitas vezes superior à exigida pelo trabalho remunerado.

Hoje eu posso dizer que 70% do meu tempo é dedicado aos animais. Eu trabalho e tudo... Mas quando dá um tempo no trabalho eu já estou pensando nesse ou naquele animal que precisa de cuidado, ou alguém me liga solicitando um resgate. Assim a minha vida é uma loucura. Eu estou aqui falando contigo, mas daqui a pouco alguém me liga dizendo que encontrou um cachorro atropelado ou uma caixa cheia de filhotes... e eu já ligo para uma pessoa próxima ou vou lá fazer o resgate (Lurdes, 47 anos).

Os entrevistados relatam casos em que as atividades profissionais são relegadas a um segundo plano em prol da prática de acolhimento, como nos casos de Fábio (53 anos), profissional autônomo, que divide seu tempo entre o cuidado com os animais e à produção de peças de cerâmica, quando possível: “Todos os dias eu chego aqui em torno de 9 horas. [...]. Faz a faxina, dá comida e vê se tem algum animal doente. [...] São 2 horas e meia limpando o pátio. Depois eu vou trabalhar no torno. Aí tem que pedir licença para eles [cães] para eu subir no meu torno”. E Ana (47 anos), que admite atrasar-se para o trabalho: “Aconteceu também de eu sair para trabalhar e no meio do caminho encontrar um cachorro que precisa de resgate. Coloca o cachorro dentro do carro leva para o veterinário e vai trabalhar depois... chega duas horas depois no serviço. Depois tem que compensar noutra hora”.

A maioria alega atuar diariamente em prol do acolhimento temporário de animais, antes, depois e nos intervalos de sua carga horária de trabalho, inclusive nos finais de semana. Como a entrevistada Sandra (30 anos) afirma, o acolhimento “acabou se transformando em uma profissão”. Muitos aguardam a liberação de outras atividades, vistas como empecilho, para poderem se dedicar em tempo integral aos animais, a exemplo da criação de filhos e a aposentadoria, algo que diz dos usos e da rentabilização do tempo de não-trabalho.

O envolvimento com os animais se dá não apenas por meio do empenho do tempo de trabalho, mas também do abandono de compromissos pessoais e familiares. Ana (47 anos) relata que na tentativa de “encaixar” todas as atividades, às vezes esquece-se de algo, como ir ao médico. Recentemente, Fábio (53 anos) desistiu de um certo atendimento por ter recebido uma ligação que tratava sobre os animais. “Eu digo não, mas eu tenho outro compromisso, essa pendência eu dou um jeito outra hora. A prioridade são os queridos [cães] aqui” (Fábio, 53 anos). Mesmo com resistência por parte da família, a disponibilidade é total à causa de proteção animal. Assim como familiares reclamam em relação ao tempo de dedicação ao trabalho de outros profissionais, também reclamam em relação ao tempo de dedicação ao acolhimento temporário de animais.

E ouço até em casa: ‘É uma bicharada! Tu não tem tempo!’ Sábado a minha filha faz patinação. Ela participa de uma equipe de competição, então ela treina todos os sábados das 13h30min às 17h. Então eu levo. Daí eu faço minhas voltas e às 17h horas eu busco ela. Então eu ouço dela: ‘Mãe tu estás endoidando com bicho, as mães ficam tudo assistindo à patinação e tu fica correndo com os bichos’. Eles não gostam da proporção que a coisa tomou na minha vida, mas eles entendem que é importante para mim isso (Ana, 47 anos).

A rotina é pensada na melhor forma de atender aos animais, mesmo essa não sendo a atividade remunerada dos acolhedores temporários. Mesmo com o dia-a-dia assoberbado de atividades, tamanho engajamento não lhes permite abandonar a causa animal em circunstância alguma. Como exemplo, Vânia (30 anos), ao ter a mãe internada no hospital, não se desfez de dois animais doentes que acolhia. “Eu chegava meia-noite em casa, ia dormir 3 horas da manhã, levantava direto, ia para o hospital... Eu aguentei! Infelizmente um

filhote acabou morrendo. O outro está lindo, forte e bem. Mas eu dei um jeito, eu dormi menos, fiz tudo menos, mas eu consegui fazer tudo”.

Além da privação de fatores básicos para o bem-estar, como o descanso físico, as falas dos entrevistados apontam outros indicadores desse engajamento incondicional. Alguns alegam carregar permanentemente consigo objetos que possam auxiliar em resgates de animais (ração, água, potes, gaiolas) mostrando-se pró-ativos em relação a possíveis acontecimentos que envolvam animais; outros se submetem a situações adversas em nome dessa prática, como entrar em buracos para resgatar animais abandonados ou invadir pátios a fim de roubar animais vítimas de maus-tratos. Sendo essa prática considerada como missão de vida, as demais atividades cotidianas, incluindo-se o tempo para a família, são vistas como banais.

Eu levanto às 7h, primeira coisa que eu faço são os tratos do meu quarto: limpeza de caixa de areia, água e ração dentro do meu quarto. Vou para o pátio, troco a água, recolho cocô deles, lavo o pátio, coloco comida. Depois, por volta de 8h eu tomo o meu café e me arrumo para ir trabalhar. À tarde eu chego e faço o mesmo procedimento, tomo café, vou limpar o pátio, colocar comida e trocar a água e depois eu vou fazer minhas coisas banais do meu dia a dia: lavar roupa, dar um tempo para família, olhar uma TV, descansar um pouco (Vânia, 30 anos).

Percebe-se corriqueira, entre os acolhedores, a disponibilização de recursos financeiros próprios, tempo que seria destinado ao trabalho ou à família, instrumentos de trabalho, entre outros, a serviço da prática de acolhimento temporário de animais. O próprio quarto pode ser utilizado como alojamento para animais ou ainda o espaço privado de familiares. “Se é gatinho, minha filha fica braba, porque ela diz que o quarto dela não é hotel, eu levo lá para o quarto dela e deixo lá” (Maria, 53 anos). O engajamento como obrigação ao desempenho irreparável para com os animais ultrapassa os limites individuais, alcançando pessoas próximas ao acolhedor, como familiares e amigos.

Diferentemente do que prega o senso comum, os acolhedores de animais entrevistados não constituem um grupo de pessoas solitárias, com baixo nível de interação social. Todos os entrevistados trabalham e nenhum deles reside sozinho. A família, os amigos e os superiores hierárquicos também se envolvem na prática de acolhimento, ora como apoiadores ora como limitadores das ações.

Para dar conta da rotina relacionada aos animais, muitos contam com a ajuda de familiares ou de terceiros para resgates ou para o cuidado diário com os animais acolhidos, a exemplo de Lurdes (47 anos) que conta com a ajuda do marido e da irmã; e Laís (28 anos) que divide o trabalho com a mãe e na ausência dela, com uma amiga. Por outro lado, ao discorrerem sobre as limitações para a atuação, os entrevistados citam a imposição de limites por parte da família. Como é o caso de Maria que vive em um apartamento com o marido, a filha, sete cachorros e quatro gatos: “Agora eles me proibiram de ficar porque senão aqui estaria lotado” (MARIA, 53 anos); e Sandra (30 anos) “Eu não fico muito porque eu moro em apartamento e tenho dois cachorros. A pressão em casa está grande! Se eu pegar mais, quem vai ser expulsa de casa vai ser eu”; e Felícia (39 anos) “Eu moro com a minha mãe e a minha mãe... não adianta eu não posso trazer para cá”.

Percebe-se sofrimento psíquico dos indivíduos, um sentimento de fracasso por não dar conta de ajudar, associado a autoexame e autocrítica em relação à missão de vida que o acolhimento temporário de animais se tornou.

Eu tenho até hoje um na cabeça, um cachorro que da metade do corpo para trás era pura sarna e eu vinha de carona e a minha amiga me disse: 'Não! Pode fechar os olhos que esse tu não vais pegar'. Até hoje eu tenho aquele animal na minha frente assim... que eu não fiz nada, entendeu? Eu podia ter feito (Maria, 53 anos).

O acolhimento temporário de animais está imbricado na vida pessoal, familiar e no trabalho daqueles que se envolvem nesta prática. O envolvimento resulta na modificação de diversas dimensões da vida, podendo, inclusive, ultrapassar os limites da razão. Maria (53 anos) e Fábio (53 anos) assumem responsabilidade pela alimentação de animais que vivem nas ruas, além dos que podem abrigar, e Laís (28 anos) ingressou no espiritismo para compreender a relação com os animais. Vânia (30 anos), por sua vez, se tornou vegetariana, por entender ser contraditório proteger alguns animais e comer outros. No mais, os entrevistados direcionam suas relações, procurando conhecer pessoas que se interessem pela causa e que, conseqüentemente, possam ajudar. Acreditam que dessa forma eles assumem um papel relevante na sociedade.

Nota-se que certas características dos acolhedores temporários de animais se aproximam das características típicas do contexto da sociedade líquido-moderna, pois eles convivem com a tônica da agilidade, da descartabilidade, da não-fixação. O descanso é pouco, a mobilidade e a rapidez são necessários, pois com mais tempo, mais animais são atendidos. "Para cuidar deles nós sempre damos um jeito, se tiver que vir de noite, se tiver que cuidar deles de madrugada... Cansei de pegar cachorro atropelado na estrada, botar no carro e levar" (Fábio, 53 anos). Permanecer com um número limitado de animais não é suficiente. Buscam auxiliar o maior número de animais possível.

A forma mais clara em que a vida líquida se manifesta para o acolhedor é enquanto a sua vida se vê em fragmentos, se subdivide em uma sucessão de partidas. Por isso, é preciso que os finais e as despedidas sejam rápidos para propiciar os reinícios e as buscas por novos animais. Mas isso, para os acolhedores, não acontece de maneira indolor. Os entrevistados são unânimes ao afirmar que o desligamento com o animal não é fácil, pois resulta em sentimentos ambíguos. Vânia (30 anos) define o processo de desligamento com o animal como um misto de alegria e medo, Laís (28 anos) como perda e missão cumprida. Mesmo após a doação, por vezes, se mantém comprometidos com os animais que configuram sua missão.

Procuro sempre manter contato com os adotantes, para me certificar que eles [os animais] estão bem. Então, quando eu tenho essa certeza para mim, eu tenho o sentimento de dever cumprido e que eu posso abrir lugar para um novo ser. A etapa deles na minha vida já foi cumprida e agora outro pode vir (Vânia, 30 anos).

A partir dos depoimentos, percebe-se que a prática de acolhimento temporário de animais se mostra condizente com a literatura relativa à vida líquida vivida na sociedade líquido-moderna e, especialmente, à lógica do trabalho imaterial e gestão gerencialista, pois, requer antecipação e resolução de problemas de natureza diversa, mobilização de afetos, inteligência e relacionamentos em prol da prática do acolhimento, e interfere nas várias instâncias da vida. Rege-se por um prazo de validade para cada um dos animais acolhidos, como se fosse um projeto com prazo e meta a serem cumpridos, se encontra afeita ao afrouxamento de laços ou vínculos vividos, responde ao descarte amplamente divulgado como meio para fazer vender, alugar ou trocar bens que já não satisfazem as necessidades de seus proprietários. Para que o resultado seja alcançado, o acolhedor assume o papel de trabalhador do trabalho imaterial sob os ditames da gestão gerencialista. A fim de responder com

engajamento, assume-se adaptável, flexível, disponível, pró-ativo e polivalente. Na perspectiva de uma estratégia de viver a vida individualista, a vida passa a ser instrumentalizada em resposta às demandas do trabalho imaterial e seus modos de gestão gerencialista.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo constitui-se em mais um indicador da forma como o trabalho imaterial alcança a vida em instâncias inusitadas, mesmo aquelas não necessariamente e diretamente ligadas à atividade lucrativa, como se pretende a prática de acolhimento temporário de animais por indivíduos independentes de organizações, associações ou abrigos relacionados à causa animal.

Afeitos às demandas do trabalho imaterial e da gestão gerencialista, e na tentativa de responder de modo contra-hegemônico à sociedade de descarte, os acolhedores temporários de animais do presente estudo engendraram uma estratégia de viver a vida baseada no jogo curto e finais indolores. No caso específico dos acolhedores, essa estratégia diz respeito ao uso e à rentabilização do tempo de não-trabalho e dos recursos disponíveis, e à mobilização de si em prol do acolhimento praticado como missão de vida.

A exemplo do que acontece com trabalhadores engajados de diversos segmentos, tal estratégia de viver a vida, contada na perspectiva da solidariedade à causa animal, pode ser vista como uma estratégia de viver a vida individualista. Ela promove reclamações de familiares relativas à falta de tempo disponível para o convívio familiar. Ressalta a ocupação dos espaços íntimos de suas residências não apenas com preocupações e mobilização de ordem psíquica a fim de resolver pendências de trabalho, mas também com os animais acolhidos e os objetos para seus cuidados. Visibiliza um indivíduo pró-ativo que se antecipa a possíveis situações problemáticas envolvendo animais, dispendo de desprendimento pessoal a ponto de alterar percursos próprios e de terceiros, e portando ferramentas básicas para o acolhimento inusitado a qualquer hora e lugar.

A exemplo do esperado de uma equipe de trabalho, aqueles que acolhem animais esperam que seus familiares, cônjuges e amigos compartilhem e respondam afirmativamente à meta que impõem para si de acolher o maior número possível de animais. Para atender à demanda crescente, adotam o descarte como resposta ao descarte. Cada animal se constitui um projeto de curto prazo que, sob a lógica da reprodução da gestão gerencialista que visa o desempenho para a rentabilização do projeto organizacional sem limites, acaba se apresentando como um projeto a integrar uma missão de vida.

Assim, vê-se que a lógica do trabalho imaterial e da gestão gerencialista está presente na prática de acolhimento temporário de animais notoriamente pelo nível de envolvimento dos indivíduos. A dedicação é integral, os compromissos pessoais, a relação familiar e o trabalho remunerado são relegados a segundo plano. Longe de se verem atrelados a modelos disciplinares, os acolhedores se vêem completamente engajados à causa animal como uma missão. Dessa forma, tudo se torna trabalho. A estratégia de viver a vida individualista não se trata, portanto, de uma estratégia de embate, mas de possível reprodução acrítica da lógica vigente nos atuais modos de trabalhar, nos tempos de não-trabalho.

A prática de acolhimento temporário de animais permitiu ver que a lógica do trabalho imaterial e da gestão gerencialista alcança as várias instâncias da vida, em detrimento dos esforços dos acolhedores para desvinculá-la da busca do lucro capitalista e do descarte pelo descarte. Entretanto, torna-se ainda necessária a compreensão do papel que cabe a uma rede de negócios, contatos e de cooperação para que a prática seja

garantida, e para que à atividade principal de recolher, cuidar e doar sejam adicionadas atividades em busca de recursos que possibilitem sua manutenção, o que pode se constituir objeto de futuros estudos.

Além disso, a prática de acolhimento temporário de animais apresentou-se em ritmo intermitente a chancelar o jogo curto com finais rápidos e indolores, tal como caracterizam a vida líquida da sociedade líquido-moderna, conforme discutidas por Bauman (2007b). O acolhimento temporário de animais corresponde à lógica da vida líquida, no sentido de que cada um dos animais acolhidos representa um projeto de curto prazo. Todavia, há de se considerar que o conjunto de animais acolhidos sucessivamente venha a se configurar subversão à lógica do descarte, resultando um projeto com prazo indeterminado a sustentar-se justamente na ação compartilhada de um conjunto de indivíduos que se sucedem na prática de acolhimento. Nesse sentido, o jogo curto seria visto como necessário à continuidade da prática, e se constituiria um modo de resistência sem embate por dentro das características da sociedade líquido-moderna.

---

Artigo submetido para avaliação em 07/03/2016 e aceito para publicação em 09/03/2017

---

## REFERÊNCIAS

- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Tradução Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 2000.
- BAUMAN, Zygmunt. **Vida em fragmentos**: sobre a ética pós-moderna. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- BAUMAN, Zygmunt. **Vida para consumo**: a transformação das pessoas em mercadorias. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- BAUMAN, Zygmunt. **Tempos líquidos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007a.
- BAUMAN, Zygmunt. **Vida líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007b.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BOLTANSKI, Luc; CHIAPELLO, Ève. **O novo espírito do capitalismo**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.
- DENZIN, Norman. K; LINCOLN, Yvonna. S. A disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: DENZIN, Norman. K; LINCOLN, Yvonna. S. (Org.). **O Planejamento da pesquisa qualitativa**: teorias e abordagens. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- GAULEJAC, Vincent. **Gestão como doença social**: ideologia, poder gerencialista e fragmentação social. São Paulo: Ideias e Letras, 2007.
- GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Zahar, 2002.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- GODOY, Arilda Schmidt. Estudo de caso qualitativo. In: GODOI, Christiane Kleinübing; BANDEIRA-DE-GOMES, Romeu. Análise e interpretação de dados de pesquisa qualitativa. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza(Org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 28. ed. Petrópolis: Vozes, 2011. p. 79-108.
- GORZ, André. **O imaterial**: conhecimento, valor e capital. Paris: Galilé, 2005.

GRISCI, Carmem Ligia Iochins; CARDOSO, Jonas. Experimentação do tempo e estilo de vida em contexto de trabalho imaterial. **Cadernos do EBAPE.BR**, v. 12, n. 4, p. 851-865, out-dez, 2014.

GRISCI, Carmem Ligia Iochins. Trabalho imaterial. In: CATTANI, Antonio David; HOLZMAN, Lorena (orgs.). **Dicionário de trabalho e tecnologia**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2006.

LANGONI, Hélio; TRONCARELLI, Marcella Zampolli; RODRIGUES, Eliana Curvelo. R.; NUNES, Hélio Rubens de Carvalho; HARUMI, Vanessa H.; HENRIQUES, Marina Valsecchi; SILVA, Karinne Marques da.; LAZZARATO, Maurício; NEGRI, Antônio. **Trabalho imaterial: formas de vida e produção de subjetividade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio da pesquisa social. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza. (Org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 28. ed. Petrópolis: Vozes, 2011, p. 9-29.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio da pesquisa social. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 28. ed. Petrópolis: Vozes, 2011, p. 9-29.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 4. ed. São Paulo: Hucitec-Abrasco, 1996.

OLTRAMARI, Andrea Poletto; GRISCI, Carmem Ligia Iochins. Trajetórias e transições nas carreiras de executivos bancários. **Revista Gestão & Tecnologia**, [S.l.], v. 12, n. 1, p. 126-150, jul. 2012.

PELBART, Peter Pál. **A vertigem por um fio: Políticas da Subjetividade Contemporânea**. São Paulo: Iluminuras/FAPESP, 2000.

SOTO, Francisco Rafael Martins. **Dinâmica populacional canina no Município de Ibiúna-SP: estudo retrospectivo de 1998 a 2002 referente a animais recolhidos, eutanasiados e adotados**. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo (USP) / Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia, São Paulo, 2003.

SOTO, Francisco Rafael Martins; RISSETO, Marcia Regina; PINHEIRO, Sônia Regina; SOUSA, Alexandre Junqueira de; PORTELA, Maria Cristina; LIMA, Bárbara Filomena Martins Soto. Avaliação de experiência com programa educativo de posse responsável em cães e gatos em escolas públicas de ensino fundamental da zona rural do município de Ibiúna, SP, Brasil. **Revista Ciência em Extensão**. São Paulo, v. 2, n. 2, p. 1-12, 2010.

WEBER, Letícia; GRISCI, Carmem Ligia Iochins. Trabalho imaterial bancário, lazer e a vivência de dilemas pessoais contemporâneos. **Revista de Administração Contemporânea**, Curitiba, v. 15, n. 5, p. 897-917, out. 2011.